

**Projeto “Dando Asas”:** inclusão de pessoas com deficiência nos projetos de extensão da FEF/UFG.

**CUNHA**, Maycon Vasconcelos – FEF/UFG  
[Maycon\\_vasconcelos.cunha@hotmail.com](mailto:Maycon_vasconcelos.cunha@hotmail.com)

**LIMA**, Amanda Fonseca  
[Amanda.fonsecadelima@hotmail.com](mailto:Amanda.fonsecadelima@hotmail.com)

**NASCIMENTO**, Oromar Augusto Dos Santos  
[vanessasantana@ig.com.br](mailto:vanessasantana@ig.com.br)

**GIRALDI**, Nayane Martins  
[vanessasantana@ig.com.br](mailto:vanessasantana@ig.com.br)

**OLIVEIRA**, Elivia Mara Rosa de – FEF/UFG  
livianinda@gmail.com

**PACHECO**, Raquel Bernardes – FEF/UFG  
[kel\\_dpe16@hotmail.com](mailto:kel_dpe16@hotmail.com)

**RAMOS**, Junilson Pereira  
[vanessasantana@ig.com.br](mailto:vanessasantana@ig.com.br)

**DALLA DÉA**, Vanessa Helena Santana – FEF/UFG  
[vanessasantana@ig.com.br](mailto:vanessasantana@ig.com.br)

**Palavras-chave:** deficiência, atividade física, inclusão.

“Resumo revisado pela Coordenadora da Ação de Extensão e Cultura código: FEF-95, nome do coordenador Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa”.

**Justificativa/Base teórica:**

Os projetos de extensão do Centro de Práticas Corporais, na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, atendiam no início de 2010 mais de 500 pessoas da comunidade interna e externa da UFG. São projetos de natação, hidroginástica, dança de salão, dança do ventre, vôlei, musculação, ginástica, lutas, entre outros.

No entanto não havia nenhuma pessoa com deficiência participante destes projetos. Este fato acontecia por falta de conhecimento e suporte para uma inclusão adequada e digna, assim quando as pessoas com deficiência procuravam a secretaria de extensão da FEF eram encaminhadas para outras instituições com serviços especializados.

Cientes do direito de inclusão destas pessoas o Projeto “Dando asas” iniciou-se em março de 2010, oferecendo informações e condições para a adaptação das pessoas com deficiência nestes projetos de extensão.

Oferecer serviços para um determinado público implica inicialmente em se estabelecer estratégias, desde a linguagem adotada até os cuidados com a utilização de espaços físicos e equipamentos, adequadas às características específicas do grupo em questão, sua faixa etária, gênero, realidade social, entre outras.

Da mesma forma, o oferecimento de serviços para pessoas com deficiência requer adaptações que para serem realizadas necessitam prioritariamente que o profissional tenha o conhecimento das características específicas do seu

público, desde a etiologia dos diferentes tipos de deficiência até o contexto histórico e social em que estão inseridos. Quando o oferecimento deste serviço tem o caráter inclusivo, ou seja, receber pessoas com deficiência em grupos com pessoas sem deficiência, além do conhecimento acerca das deficiências é necessário considerar as diferentes vivências e experiências nestas práticas que possuem os dois grupos.

"Conceitua-se inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade". (SASSAKI, 2002, p.41)

As adaptações necessárias para a inclusão de pessoas com deficiência nos diversos programas de lazer e recreação podem ser, de uma forma geral, decorrentes de barreiras arquitetônicas, (acessibilidade dificultada aos espaços e equipamentos de lazer), ou barreiras atitudinais (manifestadas nas relações interpessoais carregadas de preconceitos).

Neste processo de construção de uma sociedade para todos sob a perspectiva inclusivista, faz-se necessário que a idéia seja aplicada a todos os sistemas sociais.

A este respeito a ONU, em 1983, elaborou o documento "Programa Mundial de Ação Relativo às Pessoas com Deficiência", no qual conceitua o termo inclusivista "equiparação de oportunidades": "Equiparação de oportunidades, significa o processo através do qual os sistemas gerais da sociedade - tais como ambiente físico e cultural, a habitação e os transportes, os serviços sociais e de saúde, as oportunidades educacionais e de trabalho, a vida cultural e social, incluindo as instalações esportivas e recreativas - são feitos acessíveis para todos." (NAÇÕES UNIDAS, citado por SASSAKI, 2002, p.40)

A mesma organização publicou, após dez anos, o documento "Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para as Pessoas com Deficiência", ratificando o princípio de igualdade de direitos para todos. Quando os conceitos de inclusão são aplicados aos sistemas sociais, podemos falar, de acordo com SASSAKI (2002), em lazer inclusivo, transporte inclusivo ou educação inclusiva. As barreiras atitudinais, por sua vez, são impostas na maioria das vezes pelo desconhecimento, por idéias equivocadas e informações inexatas acerca das deficiências. De acordo com Sasaki (2002), termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época.

Assim, referir-se às pessoas com deficiência ou à assuntos ligados à elas utilizando termos inadequados implica no risco de reforçarmos e perpetuarmos a idéia de falsos conceitos, o que justifica a importância da utilização de uma terminologia adequada quando abordamos assuntos tradicionalmente eivados de preconceitos, estigmas e estereótipos, como é o caso das deficiências que, de acordo com a Organização Mundial de saúde, aproximadamente 10% da população possuem.

Ao considerarmos então, o processo histórico e a "construção social da deficiência" (Omote, 1994), ou seja, as expectativas e exigências dirigidas ao grupo social que determinam suas inter-relações, podemos observar que termos como "inválido", utilizado para se referir a uma pessoa com deficiência, foi utilizado desde a Antiguidade até o final da Segunda Guerra Mundial, período onde as pessoas com deficiência eram consideradas sem valor, significado próprio da

palavra. Já “criança excepcional” foi o termo utilizado nas décadas de 50, 60 e 70 para designar pessoas com deficiências mentais. As palavras aleijado, defeituoso, incapacitado, e inválido foram utilizados com frequência até a década de 80. No entanto, no período de 1986 a 1996 tornou-se bastante popular no Brasil, o uso da expressão “portador de deficiência” ou “pessoa portadora de deficiência” que posteriormente começa ser questionada pelo próprio grupo de pessoas com deficiência com a argumentação de que elas não portam a deficiência, que significa o mesmo que levar ou carregar consigo, como se ora portassem ora não portassem. Ainda na metade da década de 90, entrou em uso no país a expressão “pessoas com deficiência”, que permanece sendo mais adequadamente utilizada até os dias de hoje.

## **Objetivos**

O objetivo do presente projeto está sendo de possibilitar a inclusão de pessoas com deficiências nos diversos projetos de extensão do Centro de Práticas Corporais da Faculdade de Educação Física da UFG.

## **Metodologia**

Para a inclusão destas pessoas foram necessárias algumas ações: Ação 1 – Visitas às instituições, associações e escolas especiais para convidar as pessoas com deficiência para participarem dos projetos; Ação 2 – Receber as pessoas com deficiência na FEF identificando necessidades e quais atividades estas gostariam de participar; Ação 3 – Preparar e encaminhar para o monitor responsável pelo projeto todas as informações necessárias para a inclusão desta pessoa na atividade escolhida; Ação 4 – Acompanhar a pessoa com deficiência na atividade realizando e facilitando as adaptações necessárias para sua inclusão efetiva e positiva, até que esta apresente uma participação independente, prazerosa e saudável sem danos para sua atividade ou dos outros alunos; Ação 5 – Avaliar de tempos em tempos a qualidade da inclusão e participação da pessoa com deficiência e oferecer suporte pedagógico ou teórico sempre que necessário.

## **Resultados e discussão:**

Após sete meses do início do projeto “Dando asas” temos como resultado a inclusão total e independente de 22 pessoas com deficiências nas modalidades de natação, hidroginástica, dança, dança de salão e musculação. Lembramos que nosso trabalho visa a qualidade da inclusão destas pessoas, assim os números não são significativos, mas o trabalho de inclusão tem sido realizado de forma consciente e digna, respeitando os alunos sem deficiência que participam dos projetos, o monitor responsável pela atividade e principalmente a pessoa com deficiência.

As pessoas com deficiência relatam melhora nas atividades de vida diária e da qualidade de vida. Por parte dos alunos sem deficiência que participam do projeto vivenciamos relatos da riqueza que é conhecer e respeitar a diversidade.

O Projeto “Dando Asas” tem atingido seu objetivo com sucesso principalmente nas práticas corporais aquáticas. Garantindo a inclusão das pessoas com

deficiência nos projetos de extensão do Centro de Práticas Corporais da FEF com benefícios para os alunos sem deficiência, para as pessoas com deficiência e para os monitores responsáveis pela atividade, que aprendem a trabalhar e respeitar as diferenças de maneira natural.

### **Referências bibliográficas**

OMOT, S. **Deficiência e não deficiência**: recortes do mesmo tecido. Revista brasileira de educação especial 1(2), 1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. 4.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

**Fonte financiadora**: Pró-reitoria de Extensão de Cultura da UFG – Bolsa PROBEC